

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Bento Junior

Bento Junior: Meu nome é Dirceu Bento Junior. Sou chamado de Bento Junior, é meu nome artístico, digamos assim. Sou de Campos do Jordão, natural daqui. Os meus pais, a minha mãe era de São Bento, meu pai de Aparecida. Mas vieram muito jovens morar aqui em Campos e todos os filhos nasceram aqui, eu nasci no bairro Fracalanza. Gosto de arte, me envolvi com a arte desde criança, minha primeira poesia eu escrevi com 8 anos de idade, e com essa idade eu comecei a pintar também. Então, eu já gostava de arte nessa época, com 14 anos eu fiz um curso e me transformei em desenhista de arquitetura e desenhei para alguns escritórios dos 14 aos 16 e 17 anos. Quando, eu fui convidado por um amigo, pelo meu primo inclusive, para trabalhar no Auditório Campos do Jordão, daí, foi aí pelos anos 80 eu acho, foi uma das primeiras vezes que eu tive mesmo o contato com a arte clássica e com a arte de renomes do Brasil e Internacional.

Tive muita experiência aqui, e a partir da experiência do Auditório, eu me embrenhei pela arte, apesar de não trabalhar com arte hoje. Então, eu fiz parte da primeira equipe de sonoplastia e iluminação do Auditório, e o Auditório foi gerenciado por Geraldo Paula Souza Anhaia Mello, conhecido como Geraldinho, ele veio para Campos do Jordão a convite do Governador Paulo Maluf, inclusive quando ele veio pra cá, ele veio morar no auditório, e morou aqui embaixo, atrás do fosso da orquestra tem a cozinha, ali ele montou a casa e morou ali acho que coisa de 1 ano, até que ele se mudou para uma casa aqui próxima.

Uma das primeiras coisas que era interessante, que hoje já não tem mais, é que lá em cima, acima de onde hoje é a cabine, tem lá uma parte onde ficavam as cadeiras dos ilustres convidados de algum evento, então quando tinha o festival de inverno o Governador vinha com seus amigos convidados, eles ficavam naquelas cadeiras lá em cima, e acima deles tinha uma escadinha de ferro, pendurado no teto tinha uma gôndola com a mesa de iluminação e a mesa de som, então todo o som era feito por lá, todos os fios eram passados e chegavam aqui, tinham caixas enormes que eram ligadas aqui no palco, não sei se até hoje tem, em alguns lugares, alguns pontos aonde chegava a parte de iluminação e de energia para alimentar o equipamento que ficava aqui de apoio ao palco, então a gente trabalhou muito tempo lá em cima, inclusive lá também tinha os botões de acionamento das cortinas elétricas, que agora deve ter passado pra baixo também.

Me lembro de uma situação que foi bastante interessante, quase caótica. Estava tendo uma apresentação de uma pequena orquestra, não era Festival de Inverno, mas estava tendo uma apresentação de uma orquestra, e o Auditório tinha geradores, mas que não eram suficientes

para tocar as iluminações que vinham aqui, que tinham os Fortrans de 2000w cada um, imagina 36 Fortrans, era muita energia que puxava pra iluminar as orquestras. Então vinha um gerador de fora, um caminhão gerador, e subiam cabos pra cá e tinha um tanto de cabo, como se fosse uma minhoca, uma cobra de cabos, até aqui assim, em algum lugar ali. E esses cabos esquentaram e eles começaram a explodir, a fazer um barulho de explosão muito alto. Nesse momento, o Auditório estava lotado, eu ainda era iluminador e o Abílio era sonoplasta, eu estava na mesa de iluminação e ao lado tinha as luzes, que a gente chama de luz de plateia e o Abílio estava mais próximo da cortina, do botão da cortina, eram 1 ou 2 botões que acionavam as duas cortinas, quando começou a explodir, os dois imediatamente pensaram, juntos, e eu subi a luz de plateia que era independente, olha que coincidência, as luzes de plateia eram independentes e funcionaram normalmente sem o gerador, então quando apagou todas as luzes o palco ficou todo escuro, com as explosões as pessoas levantaram e começaram a se assustar e elas podiam ter se atropelado, e ter causado um acidente, podia ter acontecido uma coisa terrível, né? com pessoas se atropelando, crianças e tudo. Mas no momento em que ele acendeu as luzes e o Abílio bateu a mão na cortina, foi muito rápido isso, que as cortinas abriram, a iluminação de fora, mais a iluminação, isso trouxe o sossego, todas as pessoas ficaram em pé, e a orquestra não parou de tocar, isso me arrepiou de um jeito, foi uma coisa fantástica, que eu e o Abílio fomos às lágrimas nessa hora, quando a gente viu isso acontecendo, a gente olhava e ficava gaguejando, olha o que a orquestra tá fazendo, a gente não acreditou que aquilo aconteceu e o fato da orquestra continuar tocando, eles não perderam o andamento, nada mudou, eles estavam tão concentrados que nada mudou, então tudo funcionou, a equipe funcionou, a orquestra funcionou e as pessoas vendo aquilo, foram aplaudindo e sentando devagarzinho, tudo ficou em silêncio e a orquestra tocou até o fim, e depois eles ficaram minutos intermináveis aplaudindo a orquestra pelo evento, isso foi uma coisa que eu não esqueço, interessantíssimo o que aconteceu aqui no Auditório e nesse palco e que a gente fez parte dessa história.

Uma outra coisa que era uma característica, era que o Auditório recebia doações ou comprava um acervo de música, principalmente jazz e música clássica, então a gente tinha uma coleção imensa de discos de música clássica e o Geraldo na época fez um painel, e esse painel tinha o código de cada disco, com o nome de cada disco e o nome da composição, qual era o autor. Então tinha lá todas as informações, e esse painel ficava lá em cima, do lado da mesa da recepção, o turista chegava, vinha visitar o Auditório, às vezes vinha excursão, e a excursão vem, fica 15 minutos e vai embora, né? Dá uma volta pelo Auditório e vai embora, eles querem visitar outros lugares da cidade, vem pra passar 1 dia. Então era comum eles chegarem e escolherem uma música que estava naquele painel e pedir pra tocar, sentavam aqui e ouviam a música. Se a gente tocasse uma obra, ela precisava ser tocada do começo

ao fim, não interessa se tinha ou não, alguém assistindo. Então o turista vinha, olhava lá e escolhia uma música, eles escolhiam uma música conhecida, olhavam lá aquele bando de nome, Opus 36, da sinfonia tal, não sabia o que era, não pedia, às vezes lindas as sinfonias, mas não pedia. Olhavam assim, Mendelssohn, Marcha Nupcial (cantarola), só que não é só essa parte, né? A música tem 40 minutos, eles pediam, sentavam, ouviam 5 minutos e iam embora, ficavam nós, todos os funcionários, obrigados a ouvir várias vezes durante o dia a Marcha Nupcial de Mendelssohn, e a gente não podia dar fim no disco, fazia parte.

Junto com isso, vem as obras da dona Felícia Leirner, e pelo que eu saiba, pelo que eu me lembro, Geraldo Anhaia teve também, boa interferência nesse acontecimento, dona Felícia morava no Brasil, provavelmente já tinha a casa dela em Campos do Jordão, ela queria fazer doação em vida de todas as suas obras para o Estado de São Paulo, e ela faz um acordo com o Governo, com a secretária, de que ela doaria sim, desde que as obras ficassem em Campos do Jordão, então as obras vem pro Auditório quase que na mesma época da fundação do Auditório, elas vem pra cá, então quando eu cheguei aqui, quando eu vim trabalhar aqui, em 1980, se nós estamos falando que o auditório tinha 2 anos, elas, as obras, já estavam aqui. E eu me lembro da dona Felícia por aqui, ela sempre estava por aqui, andando pelo jardim, passeando pelo jardim. Eu me lembro dela, inclusive, fazendo a última peça de concreto, quase que quando a gente tá chegando na entrada, quando tem aquela cabine de entrada, você entra, tem um bico de jardim, naquele lugar essa peça estava, ela foi mudada de lugar, as peças foram mudadas, as de concreto, as de bronze se mantêm onde estão, mas as de concreto mudaram de lugar, em algum momento, algum paisagista, alguém que considerou que era melhor para visitaçã das obras elas serem mudadas de lugar.

Mas eu me lembro dela fazendo essa peça, até então, eu acreditava, que era a Felícia que punha a mão na obra, não? Eu achava que era assim que funcionava, e não era, ela tinha um pedreiro da confiança dela, ela fazia o projeto, ela desenhava a peça, essa peça parecia um infinito, um oito, eu não me lembro se tinha alguma coisa dentro desse círculo, eu não me lembro muito bem, mas a Felícia ao lado da peça com o pedreiro e ela disse “não, arredonda mais essa parte, não é bem isso, eu quero que você tire um pouco disso aqui”. Então ela ia organizando e ele ia pondo a mão no cimento, no concreto, né? E aí depois que a peça estava exatamente como ela queria, ela fotografava a peça no cimento, depois pintavam ela de branco, que essa característica que tem as obras de concreto dela.

Eu não posso deixar de citar, antes de finalizar, que muitas coisas especiais aconteceram nesse palco, e eu tenho certeza que ele ainda vai ser palco de tantas outras coisas especiais, né? Teve uma apresentação aqui, de uma orquestra sinfônica, se eu não me engano, a

Orquestra Sinfônica de São Paulo, com o tecladista que hoje é falecido, Joe Zawinul, considerado um dos maiores músicos de jazz de todos os tempos, ele foi tecladista e fundador da banda Weather Report, uma das maiores bandas de jazz de todos os tempos, de jazz fusion, do mundo, ele era o papa do teclado do jazz. E veio tocar aqui nesse palco, e a gente teve a honra, o privilégio de, eu já não estava trabalhando aqui no Auditório, eu tive a honra de ir ao camarim, um amigo meu falava alemão, Ivo Miller, e o Ivo traduziu uma conversa com Joe Zawinul, eu acho que foi, inclusive, no Festival de Inverno e eu tenho o catálogo com a assinatura dele. O Auditório é um dos principais pontos turísticos de Campos do Jordão, hoje eu sou pousadeiro, atendo turistas, todos os turistas que vem à minha pousada, Casa d'Aurora, a gente faz questão de criar para eles um roteiro de passeios na cidade e o auditório Campos do Jordão está em todos os meus roteiros, eu tenho um mapa desenhado, que fiz a mão, e o Auditório é imperdível para o meu turista, que eu recepciono, digo pra eles sempre, o auditório é um espaço de Campos do Jordão que você não pode perder, vir à Campos do Jordão e não conhecer o Auditório Cláudio Santoro no Museu Felícia Leirner é deixar de ver uma coisa muito importante da cidade. Eu convido sempre você que vem a Campos do Jordão a primeira vez, venha conhecer o Auditório e o Museu, é imperdível, é um lugar fantástico.